

HISTÓRIA DO MOSTEIRO DE SANTA MARIA DE LANDIM

Dados Históricos

Classificação: Monumento de Interesse Público.

Designação: Mosteiro de Landim¹, incluindo a igreja, convento e todo o terreno abrangido pela cerca.

Localização: Braga, Vila Nova de Famalicão, Landim.

Acesso: Dada a paupérrima indicação, ter em atenção o seguinte: No nó de Famalicão da auto-estrada do Norte, a A3, sair para a Estrada Nacional 204 (Famalicão-Santo Tirso, no sentido de Santo Tirso); Percorridos sensivelmente 2 km, à esquerda, seguir na Estrada Nacional 204.5. A aproximadamente 2 km, temos o centro de Landim, à direita, a Alameda do Mosteiro.

Protecção: IIP, Dec. nº 2/96, DR 56, de 06 Março 1996

Enquadramento: Rural, isolado. A Capela de São Brás no lado oposto remata a Alameda já com construções recentes, entre elas a Casa Paroquial e o edifício da Junta de Freguesia. A entrada principal no Mosteiro faz-se através de um portão inserido num muro. Um jardim antecede a entrada no edifício.

Descrição: Planta composta por igreja longitudinal, de nave única e capela-mor rectangulares, torre sineira quadrada e anexos adossados à fachada lateral Norte e dependências conventuais a Sul. Volumes articulados com coberturas diferenciadas em telhados de 2 águas na igreja e de 4 no convento. Fachada principal da igreja, orientada a Oeste, precedida por galilé aberta por 3 arcos. Nesta fachada inserem-se três nichos com a figura de Nossa Senhora dos Anjos, Padroeira do Mosteiro, ladeada por Santo Agostinho e São Teotónio. A cornija da nave e capela-mor assenta sobre arcatura. Interiormente, a igreja é assimétrica e possui coro-alto e órgão no lado esquerdo. Dependências conventuais com claustro de planta quadrada e de 2 pisos, sendo o primeiro aberto, com colunas sobre murete, e o segundo fechado, com janelas de sacada. O aparelho integra aqui, no entanto, alguns colunelos, reveladores de antigos vãos ou até mesmo de uma colunata sobre muro mais alto. A cobertura das alas é feita em madeira, formando caixotões.

Utilização Inicial: Cultural/Vida Religiosa.

Utilização Actual: A igreja conserva a utilização cultual, embora hoje seja a igreja matriz da paróquia Santa Maria de Landim. O convento é residência eventual da família proprietária, sendo o rés-do-chão utilizado para eventos celebrativos, comemorativos e recreativos.

Propriedade Privada: A igreja pertence à Igreja Católica. O convento, a mata e a quinta, pertencem à família Sampaio Nóvoa.

Época Construção: séc. X / XII / XIII / XVII / XVIII.

Arquitecto / Construtor / Autor: António Rodrigues (mestre pedreiro do claustro).

¹ Este trabalho tem por base:

- O artigo do antigo pároco [1977-1999] de Santa Maria de Landim, PE DR AUGUSTO CARNEIRO DE SÁ, "O Mosteiro de Santa Maria de Landim", Boletim Cultural da Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão, Junho de 1981, 91-15.
- A página na internete da Direcção Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN).
- O artigo do semanário local "Notícias de Famalicão" de 03 de Fevereiro de 1995, pp 5-10.
- MARIA DE FATIMA CASTRO, "O Mosteiro de Landim. Contributos para o estudo da propriedade eclesiastica", Prado, 1995.

Cronologia:

Séc. X / XI - Fundação do Mosteiro de Landim;

séc. XII - Usava a regra de Santo Agostinho;

1340/1385 - O couto e senhorio de Palmeira é mencionado com o nome de condado antigo, respectivamente por D. Afonso IV e D. João I;

1555 - Sagrado após grandes reformas;

1742, 5 Janeiro - Contrato entre o prior do convento, D. Joaquim da Glória, e o mestre pedreiro Domingos Jorge da Maia, para a obra de pedraria do claustro novo, o qual acabou, no entanto, por não se efectivar;

1742, 10 Abril - Assinatura de novo contrato para a mesma obra, mas agora com o mestre-pedreiro António Rodrigues;

1770 - Extinto, por pedido de D. José a Clemente XIV.

1775 - Vendido conforme escritura de venda de Mosteiro, passada no tabelião António da Silva Freire, em Lisboa.

Tipologia: Arquitectura religiosa, renascentista.

Características Particulares: Interior assimétrico.

Dados Técnicos: Paredes autoportantes de granito.

Materiais: Cobertura em telha de "canudo" de barro. Paredes em alvenaria de granito. Caixilharias de madeira. Pavimentos em soalho: Mosteiro e coro da Igreja. Lajeado de granito: Igreja (só recentemente é que perdeu o seu soalho e adquiriu o lajeado de granito), claustro e algumas áreas do r/c do Mosteiro). Tectos em madeira: Corpo da igreja e convento).

PRIMEIROS DOCUMENTOS SOBRE LANDIM

No manuscrito 731: Documentos para História Portuguesa, na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, do ano de 936, fala-se numa venda 'in villa Nandini inter Ave et Pel territorio Portucalense'.

No Censual de Entre Lima e Ave, do século XI, do qual há cópia do século XII e que foi transcrito no Tombo do Cabido em 1387, Landim aparece com a freguesia 115 e entre as freguesias que compunham a terra de Vermui [Vermoim].

Nos Documentos Régios, I, Ref. 16, em Documentos Medievais Portugueses, de que as livrarias já pedem oito mil escudos, aparece a carta de couto de D. Teresa de 1112-1128 para o Mosteiro de Santa Maria de Landim, decerto em atenção a Gonçalo Rodrigues, seu mordomo-mor.

QUANDO SE FUNDOU O MOSTEIRO DE LANDIM

Segundo Alexandre Herculano, na sua obra Portugaliae Monumenta Historica, Diplomata, 162, o mosteiro canonical foi fundado antes de 911.

Em Livro de Linhagens, 4, encontramos que D. Gonçalves, filho de Gonçalo Roiz de Palmeira, chamado Senhor do Couto de Palmeira, e de D. Frolhe, filha de D. Afonso de Ceclanora, fundou no seu Couto de Nandim um convento para Cónegos Regulares de Santo Agostinho.

O Padre Carvalho Costa, na sua Chorografia Portuguesa, diz que o segundo Prior do Convento faleceu no primeiro de Março de 1198.

Tendo ainda em conta a cronologia da era de César e de Cristo, cuja substituição da era de César pela de Cristo se deu em 1422, encontramos sérias dificuldades em harmonizar datas e dados da fundação deste Mosteiro que pertencia à família de Palmeira, descendentes de Rodrigo Forjaz, o qual, segundo o Nobiliário, procedia dos condes de Trastâmara.

Reza a tradição que quando acudiu a ideia ao Conde D. Henrique de fundar um reino em 'Portus Cale', também um dos seus companheiros de armas foi dominado pela ideia de fundar em 'Nandim' - seu primitivo nome - um convento.

As campanhas em que Afonso VI, rei de Castela e Leão, se empenhava contra os Mouros, atraíram à Península Cavaleiros Cristãos de outros reinos, que vieram alistar-se na guerra santa contra os inimigos da Cruz. Entre esses nobres Cavaleiros distinguiram-se os fidalgos franceses D. Raimundo e D. Henrique de Borgonha, e D. Forjaz Bermin, conde de Trastâmara.

Deste conde houve um filho que se chamava D. Rodrigo Forjaz. Este seria irmão de Gonçalo Rodrigues, já que, segundo os nobiliarquistas, «Forjaz», é um patronímico de Froia ou Froilo, atendendo à forma «Frojaz», com que às vezes aparece. Todavia, como não se apresenta como apelido de grande importância, ou porque nada haja de verdadeiro nas lendas que envolvem a sua origem, parece-nos admissível a hipótese de Rodrigo Forjaz ser o mesmo que D. Rodrigo Gonçalves Pereira, já que a família «Forjaz» não têm armas próprias e usa as dos Pereiras.

Mais tarde conhecemos a dinastia de Trastâmara que reinou em Castela (1369-1504) e em Aragão (1412-1516), a partir de Henrique de Trastâmara, filho natural de Afonso XI de Castela e de sua favorita D. Leonor de Gosmão, e que teve papel relevante no Cisma do Ocidente e na Gerra dos Cem Anos. Esta dinastia teve o período áureo com D. Fernando II, casado com Isabel de Castela - os chamados Reis Católicos que unificaram a Península, do ponto de vista religioso e político, ficando de fora da união Portugal, é evidente.

Para nos situarmos historicamente perei aqui algumas datas: em 1065, Afonso VI sobe ao trono de Leão; 1072, Afonso VI retoma a coroa de Leão e assume a de Castela; em 1090-92, D. Afonso VI entrega ao Conde D. Raimundo o governo do território da Galiza; em 1094, D. Afonso VI casa sua filha D. Teresa com Conde D. Henrique, em 1095, D. Henrique de Borgonha assume o governo das terras do sul do Minho; em 1095-96, temos constituição do Condado Portucalense; 1130, a morte de D. Teresa, Já que D. Henrique havia falecido em 1-5-1112.

Não nos admira que D. Teresa, filha de Afonso VI de Castela, mulher do Conde D. Henrique, e casada segunda vez com o Conde de Trastâmara, D. Fernando Peres, pois no ano 1124 se nomeia por sua mulher que, segundo outros, tal casamento nunca se realizou, tenha beneficiado esta terra dando-lhe a dita carta de Couto, aliás D. Teresa beneficiou a Igreja com largas doações.

D. Gonçalo Rodrigues e D. Rodrigo Gonçalves Pereira, filho do Conde D. Gonçalo Rodrigues doaram aos Cónegos Regrantes de Landim o extenso e rico Couto de Palmeira, enquanto outros referem haver-lho dado el-rei D. Sancho II no ano de 1215. Palmeira foi coutada por D. Afonso I (D. Afonso Henriques).

Pela união destes dois Coutos, podemos calcular o território deste Mosteiro de Landim. Mas há mais: as freguesias que pertenciam ao Couto de Landim. Entre elas contam-se estas com certeza: Bente, Sequeirô, Lama, Areias, Santa Marinha, Seide (S. Miguel), Almofães, Sanfins. É interessante a designação destas freguesias, algumas desaparecidas hoje, nos documentos antigos.

OUTROS DOCUMENTOS ANTIGOS

Em 1213, segundo refere a *Vimaris Monumenta Historica*, nº171, deu-se uma composição entre o arcebispo de Braga e «Martini Prioris et Regularis Cononici de Nadim». Nas Inquisitiones, Inquisições gerais de D. Afonso II, 1258, aparece a expressão «De monasterio Sancte Marie Nandim».

No *Catálogo das Igrejas* de 1320: «Monasterium de Nandim ad mil quatuorcentas tringinta e XV libras», (1445 libras). Veja-se Torre do Tombo, livro 97 de Santa Cruz, há tradução do ano de 1746 na Biblioteca Nacional de Lisboa, Col. Pomb., ms. 174. Fortunato de Almeida publicou esta tradução, depois de a actualizar (Hist. Da Igreja, pg. 606-705).

No *livro 1º de Mostras*, de 1400 (1º Most., fls. 35v.) vem uma provisão do arcebispo Martinho Pires reconhecendo ao Cabido o direito às ltuosas das igrejas pertencentes a este arcebispado. Isto seria motivo de discórdia entre o Cabido da Sé de Braga e as “eigresas e mosteiros”.